

Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) Serra do Cipó/Minas Gerais Transcrição de entrevista		
Entrevistado: Adelaide da Rocha Pereira	Data: 12/05/2011 -	Ocupação: Dona de casa.
Município: Congonhas do Norte		Distrito: Sede
Equipe técnica Entrevista: Andréia Ribeiro Produção de vídeo: Ricardo S. G. Transcrição da entrevista: Aline Pinheiro Brettas		Duração: 50 minutos Mídia: Divx, arquivos em Mp4
Observação: as falas destacadas em itálico foram proferidas pela entrevistadora.		

- *Qual o seu nome?*

- Adelaide da Rocha Pereira.

- *Idade, Adelaide.*

- 58 anos.

- *Endereço?*

- Rua São Vicente de Paula, ou Manuel Correia, nº 40.

- *Profissão?*

- Dona de casa.

- *E quais as manifestações culturais que existem aqui em Congonhas do Norte?*

- Olha, as manifestações culturais que mais, a gente...leva mais em consideração são as três festas tradicionais: Santana, do Rosário e do Divino, as festas mais antigas. E agora, tá também sendo oficializada a Festa de São Sebastião. Temos o folclore, que é a Festa do Rosário, a Marujada da Festa do Divino, aliás, da Festa do Rosário...Ela é celebrada com véspera que é o levantamento do mastro, da beira da bandeira...

- *Essa é do Rosário?*

- Essa é do Rosário. Subida da bandeira, levantamento do mastro, com missas na véspera. E de manhã a alvorada geralmente é às 4h30, 5h da manhã; alvorada, com toque de sino, banda, queima de fogos. Isso é no dia da festa. Às 10 horas, na hora que o padre marcar, por exemplo, se marcou a missa pras 10 horas, então há a subida do Reinado, para estar presente na igreja na hora da missa, fazer parte da missa, né? Celebra-se a missa, o Reinado sobe com a Marujada. A Marujada é tradicional de muitos e muitos anos aqui, com as marchas de

acordo com a história da Festa de Nossa Senhora do Rosário, desde a primeira que aconteceu, que foi a perca desse navio no mar, que ficou perdido. Então, aí compôs todas as marchas dessa Marujada.

- *Essa Festa do Rosário, ela acontece aqui na sede?*

- Acontece aqui na sede, acontece em algumas comunidades, como Coqueiro, e Alves, né?

- *E a Festa de Santana? É em julho?*

- A de Santana é em julho, no dia litúrgico, 26 de julho; então acontece a Festa de Santana. É feita pela comunidade...

- *E como que ela feita, assim?*

- Ela tá sendo feita com novena, nos nove dias, com participação de todas as comunidades. São nove comunidades.

- *Rurais?*

- É. Quando aparece festeiro, então o padre aceita a participação de festeiro, contanto que seja ligado com a comunidade, que de maneira os festeiros são, não só eles só os festeiros, mas os bons colaboradores do padre. Obedecendo todas as normas da diocese, da igreja. Então, esse ano pelo menos ela não tem festeiro, é a comunidade que assume, com a ajuda da Prefeitura, patrocínio da Prefeitura, né? Então, e assim vai acontecendo as festas todo ano.

- *E desde quando ela acontece, a de Santana?*

- A de Santana tem, esse ano agora, são 207 anos da festa. Que ela vem acontecendo todos os anos, esse ano agora completa agora 207 anos que vem acontecendo a Festa de Santana.

- *E a senhora também falou da festa, Festa do Divino também é tradicional?*

- A Festa do Divino também é tradicional, de muitos anos aqui. Agora eu num sei, eu num posso dizer pra você quantos anos acontece a Festa do Divino aqui. Mas eu tenho impressão que deve ser a mesma, porque ela sempre era feita junto com a Festa do Rosário. Depois com reforma da igreja, que a igreja tá sempre renovadora, sempre renovando, então a Festa do Divino principalmente, obrigatoriamente, antes acontecia junto com a Festa de Santana. Então eu tenho a impressão que tem os mesmos anos, porque vinham acontecendo Festa de Santana, Festa do Divino, Festa de Santa Rita; papai falava que era uma semana de festa e juntava, com Festa de Santana, um dia de Festa de Santana, dois dias de Festa do Rosário, outro dia de Festa do Divino, outro dia de Festa de Santa Rita. Então, eu penso que essa Festa do Divino, deve ter mais ou menos esse tanto de anos, 207 anos, que vem acontecendo. Essa festa também é feita com véspera, igual a Festa de Santana, né? Quando tem padre morando na comunidade, celebra-se o centenário, que são sete dias que antecipa...da Festa de Santana, da Festa do Divino, que significa os Sete Dons do Espírito Santo, né? Então celebra-se o

centenário. Mas como nós num temo padre morando aqui, então tá sendo feito só o trido, três dias antes, com a véspera, a celebração do dia litúrgico que é o Pentecostes, ocorre 50 dias depois da Páscoa. É festa móvel, então tá sendo feita a Festa do Divino aqui no dia litúrgico.

- *Além dessas que a senhora citou, têm outras festas?*

- Tem, essa Festa do Divino também é celebrada com véspera, levantamento do mastro, saída da bandeira, geralmente os colaboradores são a fé da bandeira, o bordão do mastro, e são responsáveis pela véspera da festa. E no dia, Imperador, Imperatriz com o cortejo. Antes e depois da missa, o cortejo vem pra participar antes, depois da missa, logo em seguida a procissão com o cortejo, com o Império, tudo direitinho, sabe? Então, é uma das festas tradicionais. E a terceira festa tradicional é a do Rosário, que já falamos, e a de Santana. São essas três: a de Santana, do Divino e do Rosário. E agora tá sendo oficializada também a Festa de São Sebastião, já é o quinto ano consecutivo que temos a Festa de São Sebastião aqui, dia 20 de janeiro.

- *Mesmo que o dia 20 caia numa segunda, numa terça, é sempre no dia 20?*

- Não, aqui só acontece no dia litúrgico a do Divino, e de Santana. A de Santana e do Divino, 06 que é dia de Santana, e do Divino, no dia de Pentecostes, 50 dias depois da Páscoa.

- *E a Semana Santa?*

- Ah sim, a Semana Santa também, eu tava esquecendo, né? É tradição de muitos anos mesmo.

- *E como que é feito? Começa no Domingo de Ramos...?*

- Começa no Domingo de Ramos.

- *Aí no Domingo de Ramos tem o quê, qual a liturgia?*

- Tem o Domingo de Ramos, a igreja celebra a entrada triunfante de Jesus Cristo em Jerusalém, né? Depois a prisão de Jesus Cristo e aí, daí pra diante, aí depois do Domingo de Ramos, aí começou a Semana Santa. Na quinta-feira a ceia; na quarta-feira a procissão do encontro, e a igreja celebra o encontro doloroso de Nossa Senhora com seu filho no Calvário, né?

- *Mas aí essa procissão vem quando, vem das imagens?*

- Vem. Geralmente uma imagem fica numa casa, num canto da cidade; a outra imagem vai pra outra casa. Então ali, marca o local do encontro, e encontra as duas imagens ali, significando então o encontro doloroso de Nossa Senhora com Jesus Cristo, no qual eles trocavam o olhar entre si, que acho que é a parte mais dolorosa da Semana Santa é esse encontro, pra mim é. Isso aí é na quarta-feira. Aí na quinta-feira é a Santa Ceia, quando Jesus Cristo instituiu a Santa Ceia, Sagrada Ceia. E, instituiu a Eucaristia aliás, na última ceia que

ele fez com seus apóstolos. Então aí, geralmente tem a cerimônia de lava-pé...depois da ceia, ele lavou os pé dos apóstolos, então tem a cerimônia de lava-pés. E aí depois dessa missa da quinta-feira, aí entra tudo em silêncio total.

- *A senhora estava falando que há, né, cerimônias de lava-pés na quinta-feira...*

- É, depois da missa...aí tem comunhão e tudo direitinho. A missa direitinho, depois a cerimônia de lava-pés e terminou a missa, agora é silêncio total. Já não se toca mais o sino, música, não tem nem manifestação, de nenhuma, até no domingo. Até no domingo, na missa da ressurreição.

- *E na sexta-feira...*

- Na sexta-feira acontece a...durante o dia todo não tem missa na sexta-feira. Às três horas, de manhã, acontece aqui uma via sacra, não, nove horas da manhã. Depois acontece a cerimônia que leva o Cristo para o Calvário, aonde vai sair a procissão. Depois tem uma encenação à noite, ali pras 19 horas, mas ou menos. Tem a encenação, no qual aparecem os figurantes, com todo aquele interrogatório que teve dentro prisão, a prisão de Jesus Cristo, levado pra casa de Pilatos, lá ele é interrogado por Pilatos, né? Com os criados e tudo, aí os apóstolos, nessa hora os apóstolos desaparecem...quem tá representando Pedro nega Cristo por três vezes. Então, tudo que aconteceu ali, faz o texto mais ou menos, mais ou menos um apanhado do que aconteceu lá no pretório do Pilatos. Depois ele é julgado por Pilatos, condenado, tudo assim é um quadro horrível. É condenado, depois dele ser condenado, aí ele, eternamente, tem um homem que representa. Aí ele é levado para o Calvário, entendeu, um quadro ao vivo. Ali marca todas as estações, menos a última estação que é a estação da ressurreição. A última estação é só concretizada no domingo. Aí vai todos os quadros da Via Sacra, desde o julgamento até a crucificação, ficando o último quadro, que é a décima quinta estação que, só é concretizada no domingo, que é a ressurreição.

- *E quem faz, as encenações, quem é responsável por fazer...?*

- Aí têm dois jovens que é responsável pela encenação. Sempre faz essa encenação, todo ano eles que fazem.

- *Que é o grupo de jovens da igreja, né?*

- O grupo de jovens.

- *Além desses festejos há mais algum? A senhora destacou mais as três mesmo, tradicionais...*

- É, as três tradicionais mesmo.

- *E de grupos assim, no caso a Marujada, a Folia de Reis, a própria corporação musical Lira de Santana...*

- Isto.

- *Você quer falar um pouquinho da Marujada? Da história dela...*

- A Marujada, ela foi, igual eu te falei, ela foi baseada nessa época que esse navio saiu indo pra África e perdeu a direção do mar, ficou perdido sete anos e um dia. Então os tripulantes desse navio, então eles ficaram em dificuldade, não tinha o que comer, foi acabando tudo que eles tinha. Sete anos eles num tinha munição pra...Foi aí então que eles, passando fome, então tiveram a idéia de comer os colegas, um comendo o outro, até comer o último, entendeu? E sacrificando os colegas, pra comer, matar a fome. Então, aí deu-se a idéia de um sorteio, aquele que saísse sorteado era aquele mesmo. Acabava aquele, ia sortear outro, mas só sorteou o primeiro. Que o sorteio caiu no piloto do navio, aí nisto ele pediu um prazo, nesse prazo porque ele recorreu à Nossa Senhora, né? Pediu Nossa Senhora tivesse misericórdia deles, pediu um sinal de terra, porque se eles vissem sinal de terra, não precisava de...Então eles, durante uma noite e um dia todo eles não vissem sinal de terra. Na tarde do terceiro dia, ele viu o sinal de terra, que foi essa casa que ele viu de longe. O que eu falei com você que eu não lembrava era o slide, eles usava o slide, onde eles viram essa casa, com três moça e sentada debaixo de um pé de laranja. Aí viu sinal de terra. Ainda levou um dia e uma noite ainda, pra eles chegarem em terra firme. O navio foi ancorar na beira de um barranco, mas num foi em porto nem nada. E quando o navio ancorou eles viram uma mulher, com um rosário na mão e uma criança. A criança ajudava ela segurar o rosário, então ela dava o rosário pra cada um, eles pegava no rosário e ela tirava ele pelo rosário, tirando um por um. Até tirar todos, mas ele fez primeiro, primeiro ele fez a promessa: se eles avistasse sinal de terra - esse é o piloto do navio - que ele havia de fazer uma Festa de Nossa Senhora do Rosário, essa festa, sendo oficializada todos anos em quando vida tivesse. Com rei, rainha, e a Marujada acompanhando; que a Marujada seria aqueles tripulante daquele navio que ela salvou, mas que eles havia de contar, nas marchas, que eles ia fazer, no canto de louvor, eles havia de contar todo sofrimento deles no mar. Também eles conta todo o sofrimento deles no mar, a fome que eles passaram. Eles puseram a sola de molho, e a sola não cedeu nada, né? E eles já não tinham mais nada o que comer.

- *E a senhora lembra ou sabe de alguns desses cantos, que a Marujada daqui faz e que remete a essa história? A senhora pode...?*

- Eu não sei totalmente não. Por falta de capricho minha...

- *Mas algumas partes a senhora sabe.*

- É, algumas partes, igual o princípio era - “eram sexta-feira” - eles embarcaram numa sexta-feira. Eles iam pra Betânia, e de lá eles iam pra terras estranhas. Então eles compuseram um

música: “era uma sexta-feira do amparo à Deus querido. Primeiro que tudo, vamos à Betânia, de lá iremos para terras estranhas”. Então, é daí pra frente.

- *Tem mais alguma outra que a senhora...da sola, por exemplo?*

- Da sola, não. Da sola que eles falaram que: “pusemos a sola de molho, no sábado para no domingo jantar. A sola é tão dura que não podemos carregar” Então isso tudo é cantado, uma melodia muito bonita, mas eu não sei a letra não. Sabe, muito bonita a letra. E a marcha do “num tem nada não, num tem não”, até tirou, eles tiraram a marcha muito bonita. Papai pelejou para que eles aprendessem, eles não conseguiam aprender o passo nem a...

- *Que também remete...*

- É, quando ela dava o rosário pra eles, eles tavam já todos tontos de fome, num tavam parando em pé mais, eles falavam com ela que num agüentava não, né? Ela falava com eles: “num tem nada não, num tem não”, sabe? E eles repetindo que eles num agüentava, e ela falava: “num tem nada não, num tem não...” até tirar o último, quando tirou o último ela desapareceu. Então ficou por Nossa Senhora do Rosário, na imagem de Nossa Senhora do Rosário tem um menininho, né, segurando...

- *E a Marujada de Congonhas do Norte, dona Ladinha, ela participa de todos os festejos que há aqui na cidade?*

- Não. Geralmente é só da Festa do Rosário. As duas ordenações que tivemos aqui, ela participou, da terceira, ela já num participou. Mas geralmente, é só na Festa do Rosário mesmo.

- *E eu fiquei sabendo que tinha uma Marujada aqui na sede, e uma Marujada na comunidade de Alves.*

- Tem, na comunidade de Alves tem uma marujada.

- *Mas eu fiquei sabendo que essas duas marujadas se uniram por falta de componente.*

- Por falta de componente. Aqui falta muito componente aqui, então a Marujada se uniu. Então eles atuam: os daqui atua lá, e os de lá atua aqui também.

- *E a senhora sabe me dizer mais ou menos quantas pessoas compõem a Marujada, ou não?*

- São geralmente 24 pessoas.

- *Só homens?*

- Só homens. Eles têm o uniforme branco, que eles enfeitam, porque a Festa de Nossa Senhora do Rosário é uma festa muito fantasiada, né? Mas aqui eles não usam um fantasia assim exagerada não, aqui eles enfeitam as roupas, usam uma coisa na cabeça chamado de “tato de capacete”, enfeitado de fita. Inclusive até tinha um, eu tinha foto deles aí, parece que eu tenho uma foto aí.

- *E os instrumentos?*

- Os instrumentos, eles usam viola, caixa, pandeiro, é o que eles usam, o instrumento deles.

- *A senhora falou das máscaras antigas.*

- É, antigamente tinha, hoje num tem. Umas máscaras muito bonitas, que não são iguais à máscara de carnaval não. Era uma máscara, hoje não existe mais, que eles ficava diferente, então eles usava aquelas máscara, ficava pessoas bonita mas diferente. Mas todos pretinho, porque esses tempo lá do navio eram todos pretos, eles era africano. Então a Marujada, fora daqui eles falam “Festa dos Pretinhos”, né? A “Marujada dos Pretinhos”, é só pretinho que participa. Mas aqui não, aqui não tendo hoje isso mais não. No tempo da máscara que era tudo pretinho, porque a máscara fazia...que fosse com ali só os pretinho, não há outra pessoa. Porque isso tudo depende de vocação também. Então mais aí não tem mais essa tradição das máscaras não.

- *Nem os foliões de reis, eles não saem mascarados são?*

- Nem do Folia de Reis. Não, não saem mascarados. A Folia de Idete Moura sai mascarada, mas só a de Idete Moura também.

- *Além da Folia de Idete Moura, têm mais outras?*

- Tem uma outra folia aqui, que é mais de São Sebastião. Mas geralmente é a Folia de Idete Moura que vem aqui ... Mas aqui tem só a de Idete Moura de Folia de Reis, e de São Sebastião quem toma aqui conta é um rapaz: Edvaldo.

- *E a Folia de Idete, ela sai no dia 25 de dezembro...?*

- É, ela começa no dia 25 de dezembro...24, né? E aí, até dia 06 de janeiro, que é dia de Santos Reis. Então só termina dia 06 de janeiro...

- *E ele sai visitando as casas, as ruas, o presépio...?*

- Sai visitando as casas, tem presépio, onde tem presépio também eles vai...E aí nisso eles tira o círio que eles conseguem nesses dia, vai nas casa e as pessoas dá dinheiro, né? Pessoas que vão também acompanhando dá dinheiro, então esse dinheiro é entregue pra igreja.

- *Pra igreja que é a Matriz?*

- Matriz, é.

- *E a Corporação Musical Lira de Santana?*

- Essa atua em todas as festas. E ela agora tá tendo um apoio especial da Prefeitura, o Prefeito é muito católico, e é católico praticante mesmo. Então ele dá muito apoio às festas, principalmente Santana, e dá apoio também à banda, que a banda já tinha acabado aqui. Então ele conseguiu levantar essa banda novamente, e tá muito boa mesmo, com muita participação de crianças. Mas jovens do que crianças, sabe? Muito boa mesmo. Então a banda, assim, tá

atuando em todas as festas, em todas as celebrações festivas. Por exemplo, na Semana Santa, na Sexta-feira Santa, na missa da Ressurreição no Domingo de Ressurreição, né? A banda tá sempre presente.

- *E a senhora sabe os tipos de música que ela toca, ou não?*

- Vários. Num sou capaz de falar com você, por exemplo, esse “Império Divino”, eles tão tocando muito bem.

- *E como seria assim a melodia do “Império”, a senhora saberia?*

- Do Divino?

- É.

- Sei, a melodia eu sei. Só, ele num tem letra, né? Lalaralá Laralará...assim, essa...

- *Que é acompanhada pelos percursionistas, né?*

- É. Então os antepassados dizia que um perreiro não tem letra, foi só melodia, porque foi cantado por Santa Cecília, e o profeta gravou, sabe? “Pedra de Rio”. Ele pode ser ponte de papai, ponteava ele na viola. Muito bonito o “Império Divino” mesmo. E essa música geralmente, eles toca ela na subida do império

- *Aqui também há uma Cavalgada do Jubileu, que vai a caminho pra Festa de Conceição?*

- Tem, todo ano tem essa cavalgada aqui. Sai daqui vai para o Jubileu, fica de um dia pro outro, e no outro dia volta. Sempre tem.

- *Mas a senhora tem mais informações sobre ela, ou não?*

- Não, não tenho mais informações sobre ela.

- *Além de Cavalgada, também vai de outra forma sem ser a cavalo?*

- As pessoas vai de mudança, se acampam com barraca lá. Então, vai muito de caminhão.

- *Mas pessoas romeiras, vão a pé mesmo e voltam?*

- Não, é muito difícil. Esse ano passado teve um grupo, que foi a pé.

- *Mas não é comum.*

- Não é comum não. Só quem tá cumprindo promessa.

- *E que vai e segue esse caminho, que eles até chamam de “Caminho do Bom Jesus”.*

- É, exatamente.

- *A senhora já fez essa caminhada?*

- Já, fiz muitas vezes essa caminhada. Saí daqui, andava quatro léguas, que são 24 quilômetros. E aí, dormia no caminho, lá debaixo de barraca, já fiz essa caminhada umas três vezes. Agora não tenho coragem mais de fazer isso.

- E, de todas essas manifestações que a senhora falou, a senhora falou de algumas festas, de alguns grupos, qual a importância que a senhora vê disso pros moradores da cidade de Congonhas do Norte?

- Acho que a importância que eu vejo disto, é que esse povo tem essa tradição como uma devoção. Por exemplo, a Festa de Nossa Senhora do Rosário, essa marujada, não é um investimento, é uma devoção que o povo tem, e o povo gosta daquilo. Fica ansioso, esperando os tempos das festas. E então, é uma época assim que o povo...há mais espiritualidade, essa festa, ela deixa muito saldo espiritual positivo. É uma coisa que o povo gosta e venera aquilo, sabe? Porque é tradição. Então se passar um ano sem ter a Festa do Divino ou do Rosário, então pode ser que aquela tradição tá acabando. Fica sempre alguma coisa a desejar, na liturgia de todo ano, na igreja, então fica sempre algo a desejar. Essas festas, elas não pode deixar de acontecer não.

A Festa do Divino aqui, antigamente, ela era uma festa, porque a região aqui era muito pobre. Então nosso padre aqui, morou 40 anos aqui, foi enterrado aqui, tem até estátua dele aí, o Padre Ernesto. Ele adotou um sistema de sorteio, sabe? Para a festa não ficar enterrada, e o festeiro não ficar cansado. Então ele adotou um sistema de sorteio. Então faz isso, um sorteio e um convênio. Por exemplo, o sorteio era assim, por exemplo: era só com homens; se fosse, dez homens ENTRASSE nesse sorteio, então era uma quantia “x” pra todo mundo. Ali fazia também, entre esses dez homens, um convênio. Você não era obrigado a participar do convênio, mas se você saísse sorteado Imperador do Divino... Por exemplo: é uma quantia “x” pra todo mundo, então suponhamos que fosse 100 reais para participar. Então dez pessoas daria 1.000 reais. Então era arrecadado aquele dinheiro. Além dessa arrecadação, fazia-se também um convênio, não era obrigado, todo mundo que entrou no sorteio não era obrigado, entrava quem quisesse. Mas se você não entrasse no convênio e ocê fosse sorteado Imperador do Divino, se ocê entrou no convênio, ocê tinha direito, naquele dinheiro, naqueles 1.000 reais considerado pelo sorteio, e teria dinheiro também, era um quantia “x” pra quem entrasse no convênio. Era menos, então teria recebido todo aquele dinheiro, a pessoa ia trabalhar com esse dinheiro, pra no outro ano fazer a festa. Então esse dinheiro, trabalhava-se com ele, dava pra fazer a festa, e ainda sobrava dinheiro pra igreja. Então era uma festa que todo mundo queria, então os ricos, no tempo que usava terno de cassemira...era chique, Nossa Senhora, só rico que podia! Então, os que era considerado rico, então no dia de correr o sorteio, era assim: depois da missa, o correio então sorteava-se, primeiro sorteado era caudatário. O caudatário, então ali, quando sorteava, dava-se uma salva de palma, e uma salva de tiros, fogos. Depois sorteava-se, o segundo sorteio era a fé da bandeira. Então dava-se uma salva de tiro. O

terceiro era o mordomo do mastro, outra salva de tiro. Então, o Imperador era o último, aí quando sorteava o imperador, então dava-se uma salva de tiro, o sino tocava e a banda de música executava o “Império do Divino”. Aí saiu o Imperador. Ali, geralmente os rico, ia tudo naqueles terno pra descer com a Coroa do Divino, entendeu? Até tenho aqui, a que eu tenho não é antiga não...Geralmente ela nunca caiu num rico, ela só caiu em pobre senhor, caía no mais pobre que tivesse ali, sabe, era o mais pobre que tivesse ali. Aconteceu uma coisa muito interessante: quando foi um ano aí, ela caiu numa pessoa muito pobre, o tio do Padre Hélio que morava no roça, Filó. Era o mais pobrezinho, e então pegaram o sorteio, quando caiu nele, então tirou ele e dobrou, e tornou a fazer o sorteio novamente. Ela caiu no outro, e o outro, ele tinha entrado no sorteio mas não tinha entrado no convênio, ele num ia receber...então diz que ele xingou muito porque ele num ia ter aquele dinheiro, né? E foi impressionante, quando foi no dia da festa, na véspera da festa ele fez os doce, dava muito doce, por exemplo, você dava um boi pra Festa do Divino, então o boi é do Divino! Até hoje tem o provérbio: “ah, que num foi eu só que comi o Boi do Divino”. Aquele boi era sacrificado antes e fazia-se o churrasco do dia da festa pro povo. Aí ele fez os doces tudo direitinho, e dizem que xingou muito, porque ele num ia ter esse dinheiro pra fazer a festa, aí quando tava fazendo os doce, ele falou assim – “eu quero um doce muito bom que é pra bandas e cantoras. Agora, os outros doce é da porcada, num tem importância, vocês faz do jeito que vocês quiser”. E o “doce do povo”: expressão muito ruim que Deus num gosta, né? Mas foi impressionante a idéia. Quando foi no dia da festa, aí era um padre português que atendia aqui, chamado Padre João Maria, esse padre adoeceu na hora da missa, entendeu? A missa ficou no ato penitencial, não tinha outro padre pra continuar a missa, levaram o padre pra Diamantina, ruim. Aí num houve festa, se num teve a missa num houve festa, era festa religiosa. Aí ninguém foi comer esse doce, num teve festa, num teve mais graça não. Só que nem o porco comeu o doce, porque o doce azedou tudo, jogou pro porco e o porco num comeu. O porco já num come doce mesmo, né? E desde essa época, nunca mais conseguimos fazer essa festa, por sorteio. Fizemos sim! Aí papai morreu apaixonado, porque ele queria essa festa, mas o padre não aceitava; só aceitava por sorteio, mas como não houve sorteio, ficou enterrada 30 anos. Aí veio um padre português praqui, com esse padre aí, Padre Massemينو, conseguiu levantar essa festa na tradição, ele aceitou.

- Isso foi quando, a senhora sabe?

- Isso foi em 60...em 93. Consegui levantar ela, por sorteio. Aí, ela deu pobrema também. Deu pobrema sério, essa festa com sorteio. Aí a gente viu que despistar não queria mesmo, aí o bispo foi e cortou definitivamente o sorteio, ela ficou na igreja. Depois disso, uma tia dela fez,

cumprindo promessa, uma festa muito bonita. Aí depois da tia dela, teve uma outra pessoa exatamente. Essa outra pessoa recebeu, que foi por sorteio e não deu certo, então aí tá com 18 anos que ela vem sendo feita pela igreja. Todo ano a gente promove, agora mesmo nós tá promovendo ela, mas pela igreja, não tem festeiro.

- *Só essa que não tem, a de Santana também tem, ou não?*

- A de Santana também, era sempre por festeiro, mais aí depois a igreja, a Diocese não aceitou mais festeiro. Então, é a comunidade, todo mundo é festeiro. E ela vinha acontecendo com o apoio da Prefeitura, o apoio do povo, e sempre tem ela e fica até muito boa. Mas sendo feita pela comunidade.

- *Dona Ladinha, deixa eu te perguntar, igual no caso, a Festa de Santana tem 206 anos...*

- 206, agora ela vai completar 207 anos.

- *Pois é, aí tem a Festa de Santana que tem esse tempo todo, dois séculos de festa. A Marujada que deve ter bastante tempo...*

- Deve ter mais ou menos também, dois séculos.

- *Diante de tanto tempo assim, que acontece essas coisas, como é que a senhora percebe que isso se manteve, ao longo desses anos todos? Por quê que a senhora acha que isso persistiu, que isso dura até hoje?*

- Uai, devido à tradição, e a comunidade sente que a tradição não pode acabar. E então ali, a Festa do Rosário, por exemplo, tem aquele interesse, sempre às vezes até no dia da festa não tem ninguém pra receber “ah, a festa fica na igreja” – e aparece quem recebe. Esse ano mesmo, vai ser uma senhora...sempre é dois festeiros, que pegam. Então esse ano parece que vai ser um festeiro só, mas o povo ajuda e, têm comes e bebes, e ainda sobra muita coisa, e isso aí incentiva as pessoas. Geralmente as pessoas da área é classe pobre que pega a Festa do Rosário, geralmente é. Mas então isso incentiva, porque Nossa Senhora! Tudo muito caro, e o povo ajuda mesmo, e banca com aquelas despesas, e ajuda o festeiro. Isso incentiva muito para as pessoas, nunca fica sem festeiro não. É a fé do povo é que tá mantendo essas festas em pé. Festa do Divino, Festa do Rosário, é mesmo a fé do povo! Porque são festas que geralmente são pessoas de classe pobre que pega pra fazer.

- *Diferente da de Santana?*

- Diferente da de Santana. Santana todo mundo interessa por ser a padroeira, né? Mas a do Rosário e do Divino...do Divino não tem mesmo, não aparece festeiro pra ela. Então a gente tá promovendo pela igreja, todo ano. E a gente sempre, todo ano compra alguma coisa, agora temos a liturgia, porque ela é feita também cortejo e tudo, o quadro vivo é de acordo com a liturgia do dia. Porque a liturgia de Pentecostes é muito ampla, né? Então aí nós temos tudo

aí, nós temos as roupas, temos tudo direitinho, de acordo com a liturgia do dia. Liturgicamente, num falta mais nada. Agora, se aparecer um festeiro pra fazer, quiser fazer alguma coisa diferente, aí fica a gosto dele, né?

- *E como que a senhora percebe que essas festas, esses grupos, foram passados de geração pra geração? Igual a senhora falou, seu pai já participou da Marujada, hoje ele é falecido, têm pessoas que continuam esse trabalho?*

- Têm pessoas. De meus bisavós, passou pra avós, (nesse momento, a entrevistada conversa com uma terceira pessoa no local) antes foi um antecedente seu, Firmino? (a pessoa confirma que sim) Tem uma espada, porque Marujada usa a espada, porque é muito importante e a gente deve falar. A espada foi de seu tataravô, né (novamente com pessoa). Ele que foi o chefe da Marujada! Então essa espada ele deixou para a Marujada, que todo ano ela usa espada, porque quando eles sortearam o capitão do navio, porque ele ia ser sacrificado, então ele usou uma espada pra se defender. Então essa espada é usada até hoje, é um símbolo da Marujada. É muito bonita a festa, por exemplo nessa festa tem a morte do patrão, eles faz a morte do patrão. Depois quando ele vê sinal de terra, aí sabe, ele fica todo empolgado, aí manda todo mundo botar abaixo, igual cachorro mesmo. E ele agora dança sozinho com essa espada, é bonito demais! Essa marcha, Jane, ninguém sabe fazer ela mais. Morre patrão, eles não usam mais essa aqui, tá saindo a tradição.

- *E essa marcha seu pai conhecia?*

- Papai fazia ela.

- *E dentro da sua família, além de seu pai, tem mais alguém envolvido com a Marujada, ou somente seu pai?*

- Da minha família? Ficou meu irmão, hoje meu irmão já não tá podendo muito, mas tem meu sobrinho que é um dos chefe dela. Então é vem assim, de tradição de família. E meu irmão já não tá mais também agüentando muita coisa nada, então tem meu sobrinho também que agora é um dos chefe dela, sabe?

- *E a senhora saberia falar pra gente as dificuldades: ou a Festa, a Folia, a Marujada. Tentando pegar cada um? Assim, quais as dificuldades maiores vivenciadas pra realizar as festividades...?*

- Olha, a dificuldade maior pra manter essa tradição, tá sendo de pessoas continuar. Por exemplo, aqui tá faltando componente, e nos Alves também tá.

- *Você fala em relação à Marujada?*

- Em relação à Marujada. Então tá faltando, porque os jovens de hoje eles não tão querendo mais nada dessas coisa, tem que ser gente jovem, pra ir levando isso pra frente. A gente tem medo, eu tenho medo de que um dia ela venha a acabar mesmo.

- *Por falta dessa renovação.*

- Por falta dessa renovação.

- *E a Folia de Reis?*

- A Folia de Reis também...a daqui, ela mesmo já acabou. Só tem a de Idete Moura, que não é dentro da sede aqui. Mas aqui na sede tinha e já acabou por falta de membros pra continuar essa tradição. Num tá tendo mais o interesse, os jovens hoje num tão querendo muita coisa mais não. Porque é uma coisa da igreja, e jovem não tá muito voltado pra igreja mais não. Então uns tem vergonha – “ah, eu tenho vergonha de fazer isso, eu tenho vergonha de fazer aquilo” – então eles num tá querendo mais. Por exemplo, terno da Marujada aí são mais gente de idade, e muito pouco jovem.

- *E com as festas, a senhora tem assim alguma opinião em relação às dificuldades vivenciadas?*

- Não, a dificuldade de toda é, por exemplo, parte financeira num tá tendo muita dificuldade não, pra manter essas festas não. Agora, a Marujada, eu temo que possa acabar essa tradição tão bonita, igual já acabou a tradição de Pastorinhas aqui, e então tinha uma tradição dela, era muito bonita também, então não existe mais não.

- *Você estava falando, que então, dentre todos esses grupos, é a Marujada que corre mais risco de deixar de existir. Aí a senhora tava falando que havia as Pastorinhas, igual, tinha um grupo de pastorinhas, hoje não há mais...?*

- Não, não há mais.

- *Mas há quanto tempo que não há mais?*

- Ah, deve ter mais ou menos uns 30 anos que não existe mais. 30 ou mais anos...extinto mesmo esse grupo.

- *E sabe porquê?*

- É justamente falta de interesse, dos jovem. Geralmente é os jovem que promove isso, falta de interesse dos jovens, de promover, de continuar essa tradição. Porque se os jovens não continua, acaba. Porque os jovens de hoje, por exemplo as crianças de hoje não são o cidadão de amanhã? Então é a mesma coisa, se o jovem não promove, num interessa pra levar isso pra frente, então vai acabando. Os velho que mexia, que promovia esses grupo, essas tradição, que levavam pra frente essas tradição, vão morrendo, acabando.

- *Tem alguma coisa que a senhora gostaria de mencionar, que não foi mencionado ou que a senhora esqueceu, e queria falar agora...?*

- Não, que eu me lembre não.

- *Não? A Festa de Santana, alguma coisa...*

- Ah sim, a Festa de Santana aqui também...aqui tinha uma tradição que dava o milho de Santana, dava mantimento pra Santana, os retireiros, criador de gado, dava bois pra Santana. Então isso era usado nas festa. Então tinha essa tradição também do milho de Santana que acabou. Então o milho de Santana é o seguinte: a pessoa plantava lá um “arqueiro” de milho, então ali, quando colhia; ele plantou um “arqueiro” de milho, então um “arqueiro” de milho era dado pra Santana.

- *Pra ser usado na festa?*

- É, pra ser usado na festa, pra ser usado na necessidade da igreja, isso também acabou aqui. Não há mais Mas hoje na época é Santana, eles dão bezerro, dão bois pra leiloar. Mas essa tradição do milho, praticamente acabou.

- *E a tradição do carro de boi, acabou também?*

- Não, carro de boi não. Essa tradição continua. Um dia, na véspera da Festa de Santana, meio-dia mais ou menos, o padre benze, os carreiro juntam todo, geralmente eles juntam aqui em cima. E todo mundo que tem carro de boi, então traz o seu, né? Tem gente aqui que traz carneirinho, cabrito, tudo, sabe? Antigamente, vinha com carruagem de canela de ema, hoje num pode mais tirar. Hoje o IBAMA não deixa mais.

- *Mas por quê que usava a canela de ema?*

- Por exemplo, a bandeira subia, então punha nos diversos ponto aonde a bandeira ia passar, subir. Por exemplo, a bandeira vinha lá do outro lado, então ia pondo aquelas canela de ema assim... ou então, acendia-se o fogo antes, de maneira que a bandeira subia iluminada por essas fogueiras. Agora, num tá tendo, essa tradição também tá acabando. No ano passado nem teve, né Jane (nesse momento a entrevistada conversa novamente com a terceira pessoa)? Ano passado teve não, essa lenha foi usada, vendida pra arrecadar dinheiro pra...essa tradição tá acabando também. Ano passado já num teve, creio que esse ano também num vai ter não. As lenha que veio foi usada, vendeu mais e arrecadou dinheiro para a igreja.

- *Elas não foram usadas, você fala, não colocaram fogo nela?*

- Não colocaram fogo.

- *Venderam ela, né?*

- Venderam ela. Por exemplo, a Festa do Padroeiro aqui, nunca foi assim uma festa que arrecadasse dinheiro. Porque as festas geralmente são, foi nas festas que arrecada-se, chega

areia donativo, para reforma da igreja, para necessidade da igreja, mas aqui nunca teve assim uma arrecadação de dinheiro para as festas não. Agora, de uns três anos pra cá, tá tendo. Por exemplo as comunidades fazem parte, teve um padre aqui que promoveu a Festa de Santana, então já com participação das comunidades rurais. Então essas comunidade é responsável, por exemplo: a comunidade de Alves é responsável pelo primeiro dia da novena. Então ali eles promovia leilão, barraquinha, e tudo, e aquela renda ficou pra igreja. Então de uns três anos pra cá, então tá começando aqui esse costume aqui que tá sendo muito bom, né? Porque por exemplo: a igreja tá sendo restaurada pelo patrimônio, mas a paróquia não tem fundo pra restaurar. Porque as festas aqui, o que se ganha gasta na festa, e não pode ser assim.

- *Não sobra nenhum dinheiro pra ser investido?*

- Não sobra nada! Às vezes nem pra pagar a conta de luz da igreja, que aqui gasta mais. Então ali, o que recebe donativo, gasta. Agora, depois que ela passou pra igreja, é que tá ficando alguma coisa pra igreja. Então, os bois que se dão, os bezerro, era Eduardo, mas antes...

- *Passou pra igreja, a senhora fala, deixou de ter festeiro?*

- Deixou de ter festeiro, então passou pra igreja, e aí consegue-se... Mas mesmo assim, a fé lá na festa, em Datas e o padroeiro lá é o Espírito Santo, como entrava muito pouco dinheiro pra festa do Padroeiro, era 7.000 reais, quando entrou menos dinheiro. E aqui não entra praticamente nada, ano passado tivemos arrecadação de 2.000 reais. Isso é muito pouco, né? O quê que o padre faz? Então é difícil, mas ainda não teve um padre que conseguisse... Mas em Datas pelo menos, em Datas o Prefeito de lá decretava, por exemplo: durante os sete dias do centenário, então ali cada uma rua é responsável por aquele dia. Tudo o que fazia ali, era renda pra igreja. Ali num podia ser cobrado nada que gastou, por exemplo, eu vou na sua casa, eu peço – “ah, nós vamos fazer isto hoje, vai vender uma canjica ou vai vender um quentão, e eu vou na sua casa, peço” – então é assim que eles fazia, não se cobrava nada, não tirava nada daquela renda ali. E três dias antes, que era o tríduo, o Prefeito decretava fechamento de todos os botecos. Então não podia ter nada, boteco nenhum aberto.

- *Isso em Datas?*

- Em Datas.

- *Quando, isso?*

- Isso é de uns três anos atrás, que o padre lá saiu com exame de sangue...

- *Ele mandou fechar os botecos?*

- Ele num mandava muito unido, mas o Prefeito, porque o padre e o Prefeito tem que ser unido, são as duas primeiras autoridades.

- *Então quem pedia era o Prefeito?*

- Então era o Prefeito que decretava o fechamento dos botecos, tudo o que você quisesse comprar ali de boteco, e ali tinha...mas a igreja, a comunidade fazia tudo. E muito mais ainda, porque tinha comida, tinha de tudo.

- *E as pessoas fechavam os bares?*

- Fechava. O Prefeito decretava e as pessoas obedeciam, os botequeiro...três dias antes não tinha nada aberto, então tudo que você tivesse que comprar, de comer, de tudo lá, era nas barraquinha, então dava dinheiro mesmo, uai! Ainda mais aqui, se o prefeito for fazer isso, eles crucificam ele.

- *É (risos). Tem algum comentário que a senhora gostaria de fazer, Dona Adelaide?*

- Não, que eu lembre não.

- *A senhora acha que deu?*

- Sim (risos).

- *Então tá, obrigada!*